

# NOVA, E CURIOSA RELAÇÃO

DE HUM ABUZO EMENDADO,

OU

EVIDENCIAS DA RAZÃO;

EXPOSTAS A FAVOR DOS

# HOMENS PRETOS EM HUM DIALOGO

Entre hum Letrado, e hum Mineiro.

*Mineiro.* **S**enhor Doutor, venho aqui aos seus pés, para tomar conselho sobre hum negocio de gravissima importancia.

*Letrado.* Sente se, meu Senhor: o ponto está que a minha pouca capacidade seja sufficiente para aconselhar a V. m. com aquelle acerto, com que o pertendo servir.

*Min.* O caso he: que tenho hum negro; que supponho que veyo a este mundo para meu Purgatorio.

*Let.* Vamos adiante, que na verdade sempre he precisa paciencia a quem lida com moços, e com escravos.

*Min.* De vagar, Senhor Doutor. Que seja necessaria paciencia para lidar com moços, está feito; porque emfim são filhos alheios, e he gente branca como nós. Mas ser necessaria paciencia para lidar com escravos: não posso ouvir dizer, nem aturar tal; porque emfim são negros: e como custarão a cada hum o seu dinheiro, póde-se fazer delles o que quizer.

*Let.* V. m. vive muito escandalizado dos pretos; comtudo, porém, não ha de negar a verdade.

*Min.*

*Min.* Hey de negar tudo.

*Let.* Huy, Senhor! Isto he delirio! Pois V. m. ha de negar aquillo que for razaõ?

*Min.* Sim Senhor: em sendo cousa a favor de negros, ou escravos, tudo nego.

*Let.* Terrivel condicaõ mostra V. m. ter na verdade: mas julgo que o mio procedimento de algum seu escravo o tem offendido de tal maneira, que o obriga a desaffogar nesse grande excessõ; porèm espero que, deposta toda a payxaõ, V. m. venha a concordar commigo, se acaso entender, e se capacitar de que he verdade o que eu lhe differ.

*Min.* Está feito, diga V. m., e veremos se me quadra.

*Let.* Ora Senhor, huma das razõens que V. m. dá para soffrermos os moços, he porque são filhos alheios!

*Min.* Sim Senhor.

*Let.* Pois essa vazaõ ha tambem para soffrermos os escravos, que tambem são filhos alheios.

*Min.* Mas com differença: pois nós os brancos somos descendentes de Adão, e os negros são descendentes de Cain, que foy negro, e morreo amaldiçoado pelo mesmo Deos, como consta da Escritura.

*Let.* He certo que todos os brancos são descendentes de Adão, e tambem he igualmente certo que todos os racionaes delle descendem, ou sejaõ pretos, ou pardos, ou fuscõs, ou vermelhos, ou verdes, ou azues, &c. Tenha hum homem a côr que tiver, he certo que he filho de Adão. Ainda seguindo o que V. m. mesmo diz, são os pretos descendentes de Adão. Pois se os pretos descendem de Cain, e Cain foy filho de Adão, segue-se que descendem, e são tambem filhos de Adão. Agora que Cain fosse amaldiçoado, he de Fé; mas que elle fosse negro, e os pretos seus descendentes, he que eu tomára saber a donde V. m. achou esta noticia!

*Min.* He cousa, que desde rapaz sempre ouvi dizer.

*Let.* Ah, pois entaõ está V. m. obrigado a dar credito a muita parvoice! Huma vez que V. m. he daquelles, que crem quanto ouviraõ dizer deende rapaz, apenas haverá do proposito, que não deva acreditar.

*Min.* Isto he huma cousa, que se está mettendo pelos olhos.

*Let.* O que, Senhor? Ora já que depois me fallou em Escritura, ouça agora: He certo, e de Fé, que no Diluvio Universal morrerão todos os homens, mulheres, e meninos, ficando só com vida oyto pessoas; a saber: Noé, sua mulher, tres filhos, e tres

e tres mulheres, que o erã dos mefmos filhos. He tambem certo, que da Escritura nã consta, que alguns delles foffe preto; logo os pretos nã sã pretos por serem descendentes de Cain.

*Min.* Pois entã porque tem elles aquella cõr, e nós nã?

*Let.* Essa duvida, meu Senhor, he huma queffão muito intrincada, e difficil de resolver. Homens muito Doutos se tem cansado em quererem averiguar a causa, e atõgora effamos na mesma duvida.

*Min.* Já ouvi dizer que a negrura dos pretos procede delles nascerem em clima muito quente, e que estã mais proximo ao Sol.

*Let.* Isso he conto de rapazes. Dessa sorte todos quantos nascessem em terra de pretos seriaõ pretos, e pelo contrario todos os que nascessem em terra de brancos seriaõ brancos. Porém isto nã he assim, pois vemos que de pays pretos sempre nascem filhos pretos, e de pays brancos sempre nascem filhos brancos. Isto he cousa que nós estamos vendo a cada passo. Na mesma Ethiopia, aonde quã todos os naturaes sã pretos, ha Povoaçoens de gente muito branca, e o clima todo he o mesmo; como a causa da negrura na gente preta atõgora nã se tem podido averiguar.

*Min.* Seja o que for, sempre he certo que elles sã pretos.

*Let.* E que tira V. m. dahi?

*Min.* Tiro, que os negros nã sã gente como nós.

*Let.* Senhor, o homem mais preto de toda a Africa, em razaõ de homem, he tã homem como o Alemão mais branco de Alemanha. Tem havido homens, e mulheres pretas muito celebres nas Historias. Da Escritura nos consta a sabedoria, e grandeza da Rainha Sabbã. Hum dos Magos, que em Belem adbrãraõ ao Menino nascido, era preto. Santo Eiesbaõ, Imperador, e Santa Esigenia, Princeza, sua filha, e ambos da Ethiopia, erã pretos; preto foy S. Benedicõto, e outros muitos, que podia nomear. Que nã deve Portugal aos Pretos, de suas Conquistas no Brasil! Elles forã quem lançaraõ os Holandezes de Pernambuco, e Rio de Janeiro: e o Senhor Rey D. Pedro Segundo concedeo a mercẽ do Habito de Christo a hum preto, que naquella occasião acertadamente guiõ aos mais; nã querendo aquelle grande Rey que o accidental da cõr privasse das honras, que o merecimento proprio alcançara. E á vista disto que quer V. m. que se diga!

*Min.* Dessa sorte vem V. m. a dizer que tanto he hum negro, como hum branco.

*Let.* No sentido em que fallo he sem duvida.

*Min.* Pois se ós pretos são tanto como nós, para que são elles nossos escravos, e nós os brancos não os somos delles!

*Let.* Já vejo que V. m. está muito longe da razão. Senhor, os pretos não são nossos escravos porque são pretos. Também os Mouros são escravos, e mais não são pretos; os mulatos, Canarins, Chinas, e outros são escravos, e não são pretos. Algum dia também os Tapuyas do Pará se reputavam como escravos, e mais não eram pretos. Eu já vi nesta Cidade hum rapaz, que teria dez annos de idade, com todas as feições da cara, e figura do cabello como se fosse preto; mas a cor do cabello era muito loura, e a do corpo summamente branca; e o tal rapaz era escravo. Com que não he pela cor, que os pretos vem a ser cativos: ha outras razões politicas, e permittidas, para se reputarem como taes. Algum dia os Romanos reputavam como escravos a todos os prizioneiros de guerra; este costume prevaleceo entre algumas Nações da Europa: hoje já este abuzo está extinto. Unicamente os Mouros actualmente reputam aos Europeos, que cativam, como escravos.

*Min.* Estou pasmado do muito que V. m. tem contado nesta materia; mas sempre reparey, que no Brasil se tratao os negros peyor do que huma besta, dando-lhes asperissimos castigos, chamando-lhes nomes muito injuriosos, e comtudo os pretos se accommodaõ.

*Let.* V. m., pelo que vejo, he Mineiro, e tem andado pelos Brasís; porém agora ha de ter paciencia de me ouvir. Todos esses castigos, e nomes injuriosos, ou para melhor dizer, escandalosos, em passando aos limites da preciza correccão, são todos peccaminosos, criminosos, e injustos.

*Min.* Ora V. m. está zombando! Em certo Engenho na Bahia vi eu morrerem em hum dia dous negros, estando seu senhor á sua vista mandando-os açoutar por outros escravos: e no Rio em huma Roça vi a hum senhor, que por suas mãos matou a hum negro, e mais nenhum delles teve castigo algum pelas mortes dos escravos, nem nisso se fallou; porque enfim se mataram aos negros, elles he que ficaram perdendo o seu dinheiro, e cada hum he senhor do que he seu.

*Let.* Perdoe, meu Senhor, porque eu necessariamente lhe devo dizer, que não o posso acreditar em tudo. Que esses senhores de Engenhos matasem aos escravos, não o duvido, antes com facilidade disse me capacito; mas que por esses homicidios não tivessem castigo, tal não posso crer; salvo se o crime não foy sabido, e nesse caso não prova nada quanto V. m. a esse respei-

to

to tem referido. A razão que V. m. dá de que se elles matáraõ aos escravos, perderaõ o dinheiro, que lhes elles tinhaõ custado, tambem isso he certo. Mas que quer V. m. dizer nisto ! Que naõ commetteraõ homicidios ! Que naõ deviaõ ser severamente punidos ! Que naõ foraõ cruéis ! Que naõ peccáraõ mortalmente ! Ah Senhor ! e quantas insolencias se commettem com os miseraveis escravos nos Brasís ! Mas quem as uza ! Gente avarenta ! Gente pouco temente a Deos ! Gente, que tem coraçãõ de fêra !

*Min.* Quem me dera, Senhor Doutor, vê-lo lidar com cem, ou duzentos negros desobedientes, aleivosos, pinguicosos, ladroens, &c., e ver como se havia de haver entãõ com elles.

*Let.* Faria peyor do que quantos lá estaõ. Mas o que cada hum deve fazer, he tratar aos servos com caridade, com zelo, e amor de Deos; e o que naõ tem paciencia para lidar com escravos, deve tomar outro modo de vida; pois primeiro está naõ offender a Deos, do que o interesse de quantas conveniencias pôdem haver no mundo.

*Min.* V. m. está feito hum Missionario a favor dos negros; mas he porque naõ tem experimenrado o que elles saõ. Emfim, Senhor, deixemos razoes escuzadas; vamos ao ponto do meu negocio a que aqui vim, supposto que pela conversaçãõ, que se metteo de permeyo, já vejo que V. m. ha de sentenciar contra mim.

*Let.* Posso affirmar-lhe, e se necessario for, com juramento, que lhe naõ acontêlharey cousa contra o que entender em minha consciencia; nem em quanto atégora disse fiz o contrario.

*Min.* Senhor Doutor, o caso he, que eu tenho hum negro haverá dez, para onze annos. No principio servio-me como devia: attendendo eu a isto, prometti-lhe que, se continuasse em me servir bem, no fim de dez annos o daria forro.

*Let.* Até ahí fez V. m., senaõ o que era obrigado, ao menos húa coula justa, e louvavel; pois lhe affirmo que naõ posso deixar de me compadecer dos miseraveis escravos, que em toda a sua vida trabalhaõ em perpetuo cativo.

*Min.* Que faria, se V. m. visse lá nos Brasís trabalharem os negros quasi continuamente noyte, e dia; e isto andando nus; e ordinariamente só lhes daõ huma pouca de farinha de pão a comer; e os Domingos, e alguns Dias Santos he que lhes daõ livres, para ganharem alguma cousa, com que se sustentem.

*Let.* Supposto que nunca tal vi, bastantemente estou informado das milerias, que passaõ estes miseraveis. Vamos ao ponto principal, a que V. m. aqui vem.

*Min.*

*Min.* Como dizia: Vendo eu que o preto me servia com fidelidade, e promptidão em tudo, e que ainda depois da promessa a sua presteza em tudo era mayor, assentey logo commigo, que por nenhum modo lhe daria carta de alforria.

*Let.* Isso foy contra toda a razaõ; pois da razaõ que houve para em V. m. se augmentar a causa para dar por forro ao tal clero-vo, fez V. m. motivo para saltar á sua palavra.

*Min.* Pois visto isso, estou eu obrigado a guardar a palavra que dou a hum negro meu?

*Let.* Se a promessa, ou palavra foy fundada em razaõ justa, quem o duvida?

*Min.* Pois pó le haver razaõ, porque eu não possa enganar o meu preto?

*Let.* Pois não, Senhor! Nós sempre estamos obrigados a fallar verdade a todos sem excepçaõ alguma.

*Min.* Ora ninguém tal diz! Dessa sorte estou eu em igual parallelo com hum negro.

*Let.* Pois V. m. quer que o privilegio de ser branco lhe valha para mentir quanto quizer? Ora deixemos esta materia, vamos ao seu negocio.

*Min.* O negro, vendo que eu lhe faltava ao que tinha promettido, começou a esfriar-se do fervor com que me servia; e de sorte me desagradoou, que intentey vendê-lo para o Brasil, só para que lá com rigoroso castigo acabasse a vida. O negro, sabendo isto, aconselhado com outros, foy assentar por Irmão de huma sua Irmandade, que dizem tem o Privilegio para não poderem os pretos da dita Irmandade serem vendidos para o Ultramar; porém eu, tanto que tal soube, lhe dey hum aspero castigo, e não obstante isso determino vendê-lo ás escondidas, e mandá-lo para as Minas. Porém Domingo passado me fuy confessar, e contando isto ao Confessor, elle me metteo em escrupulos, dizendo-me, que eu em consciencia tal não posso fazer. Agora venho aos pés de V. m., para que me defengane neste particular.

*Let.* Senhor, o seu Confessor já a V. m. disse o que devia, como Sabio, e prudente: Eu só poderey accrescentar duas palavras em confirmação do que elle disse. He certo, que todo aquelle, que não observa as Leys, que os Soberanos põem a seus Vassallos, peccaõ mortalmente. O Privilegio, que os Senhores Reys concederaõ aos pretos dessa Irmandade, he huma Ley, pela qual elles mandaõ, que os taes Irmãos não possaõ ser vendidos para o Ultramar; logo todo o que violar este Privilegio pec-

pecca mortalmente : isto he certissimo ; e assim me parece que nesse caso ha materia de restituicaõ , assim á mesma Irmandade , pelo que pôde interessar nesse Irmaõ , como ao mesmo Irmaõ , pelo que podia interessar em estar na dita Irmandade.

*Min.* Pois Senhor Doutor, eu não hey de ser senhor do que he meu  
*Let.* Ha de, sim Senhor, e o he; porém com aquellas restricções, e clausulas; que as Leys justas prescrevem.

*Min.* Eu tenho hum Amigo, que já fez o mesmo, que eu quero fazer, e mais não lhe succedeo nada disso. *Let.* Disso que?

*Min.* Nem teve peccados, nem teve restituções.

*Let.* Que o seu Amigo não restituisse, confesso eu, e o creyo: agora que elle não tenha obrigaçãõ de restituir, e que não peccasse, he que eu tomara que V. m. me dissesse donde lhe veyo a tal noticia?

*Min.* Porque dessa sorte muitos peccados havia, e muito haveria que restituir.

*Let.* É quem o duvida? Senhor, eu o que entendo he, que V. m. quer quem lhe approve todos os seus desejos, ou detirios; porém eu digo o que entendo: O que V. m. deve fazer, he cumprir o que prometteo; ou pelo menos não affija mais o pobre escravo, bem lhe basta a infelicidade de o ser. He hum abuzo introduzido entre muitas pessoas, imaginarem que os pretos foraõ nascidos só para serem escravos; porém a natureza a todos os homens sem differença ama. He injusto o tratamento, que muitos senhores daõ aos escravos: elles devem ser castigados quando delinquirem; mas o castigo deve ser proporcionado á culpa. Tambem os filhos são castigados por seus pays; mas com moderação: não digo com isto, que os pretos escravos não obedeçaõ em tudo a seus senhores, e que estes não os castiguem: o que digo he, que o castigo não passe a crueldade. A promessa condicional tem força de Ley. V. m. prometteo ao seu preto de o fazer forro, se elle continuasse em o servir bem: elle não só continuou em servir bem, mas cada vez melhor; logo V. m. está obrigado a faze-lo forro: pela outra parte está obrigado a guardar o Privilegio, que elle, como Irmaõ da tal Irmandade, tem; com que, tome V. m. o meu parecer: ou dê carta de forro ao tal preto, ou vá acareciando-o em ordem a que elle não viva desgostoso; porqué desta sorte evita muitas offensas a Deos, e faz o que deve.

*Min.* Diga-me, Senhor Doutor, não basta que eu dê por forro ao tal negro daqui a quinze, ou vinte annos?

*Let.* Mais vale tarde, que nunca. Mas diga-me, que idade tem o tal preto?

*Min.*

*Min.* Quando o comprey teria vinte e oyto annos, pouco mais, ou menos; tenho-o ha quatorze, para quinze, com que ha de ter os seus quarenta e tantos annos.

*Let.* E V. m. quer-lhe dar carta de alforria daqui a quinze, ou vinte annos? que he o mesmo do que quando elle ja não puder trabalhar couza alguma! Pois entã dessa sorte não vem V. m. a fazer favor ao seu pretó; mas o fim, que tem, he livrar-se de dar de comer a quem já não pôde trabalhar. E nesse caso taõ longe está de cumprir a promessa, que antes uza huma tyrannia. Ora diga-me, que couza mais contra a razaõ, que ser vir-se hum homem de hum escravo, em quanto elle pôde trabalhar; e depois quando elle já não pôde, despedi-lo, e deixá-lo ir morrer com fome! Emfim, tenho dito a V. m. o que me parece: agora lá fará V. m. o que quizer.

*Min.* Logo eu vi no principio, que V. m. havia sempre sentenciar a favor do negro. Ora he possível, que sendo V. m. hum homem branco, e Doutó, acuda mais pelos negros, do que pela gente branca! Não sey em que se funda, ou que razaõ tenha para tal!

*Let.* A razaõ em que me fundo, he seguir a verdade; porque eu olho mais para a minha consciencia, do que para a minha conveniencia; e porisso o meu costume foy sempre desenganar aquellas pessoas, que procuraõ o meu conselho.

*Min.* Tenho ouvido o que V. m. diz, cá farey o que entender; V. m. perdoez aqui ficãõ estes oyto tostoens, seraõ para huma melancia, para sobre meza ao jantar.

*Let.* Meu Senhor, sempre obrigado: Aqui estou para obedecer a V. m. em tudo o que prestar.

## L I S B O A :

Na Offic. de FRANCISCO BORGES DE SOUSA.

ANNO MDCCLXIV.

*Com todas as licenças necessarias.*

C. IV. 63